

Elmira Vicente Inácio
FAV/UFG

Resumo

Este artigo surge durante as pesquisas que realizo para o mestrado em Artes e Cultura Visual, FAV/ UFG. O objetivo principal aqui é apresentar a 'comunidade de vida', nas quais diferentes pessoas, de diferentes realidades e de diversas perspectivas culturais, se constituem a partir de saberes, memórias e afetos. Possibilitando novas práticas no campo das pedagogias culturais, ampliando nossos olhares especificamente na comunidade rural de Ribeirão de Areia- MG.

Palavras-chave: comunidade de vida; pedagogias culturais.

Abstract

This article arises during the research I perform for the Masters in Visual Arts and Culture, FAV / UFG. The main goal here is to present a 'living community' in which different people from different realities and diverse cultural perspectives are constituted from knowledge, memories and affections. Enabling new practices in the field of cultural pedagogy, expanding our looks specifically at the rural community of stream of sand- MG.

Keywords: Life community; cultural pedagogies

1 Entorno de Aprendizagens – comunidade de vida

As reflexões do presente texto decorrem em primeiro lugar da minha experiência como educadora social que faz parte de uma equipe de arte e que desde 2007 lida com jovens de periferia e comunidades rurais. Somos sete educadores/as, quatro estão na faixa etária de 20-24 anos, jovens altamente conectados ao mundo tecnológico deste período contemporâneo especialmente "o celular".

Esta equipe tem interagido com a comunidade rural de Ribeirão de Areia¹, ao norte de Minas Gerais. Um dos primeiros estranhamentos destes jovens, educadores/as ou "os turistas", como nos identificaram no início da interação, foi o fato que parte da comunidade e entorno em 2007 ainda não ter acesso à energia elétrica, e conseqüentemente, às muitas transformações tecnológicas como o telefone, a televisão, a geladeira. Quando nos organizamos e planejamos intervir na nossa prática pedagógica, a partir do contexto da comunidade, na busca de novas pedagogias culturais, muitas perguntas, dúvidas e inquietações se instauram e como afirma Guimarães Rosa na literatura Grande Sertão Veredas, "vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas" (Rosa, 2006, p.39).

¹ Comunidade de Ribeirão de Areia, pertencente ao município de Chapada Gaúcha. Atualmente o Município tem 12.239 habitantes segundo o censo do IBGE 2014. O município está situado, no semiárido do Norte Mineiro a aproximadamente 130 km de distância do município de São Francisco, a 90 km de Arinos, 165 km de Januária, 125 km de Formoso e a 85 km do município de Pintópolis.



Em 2014 durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG tive contato com um texto de Imanol Aguirre no qual ele discute e apresenta “entornos de aprendizagens” fazendo referência às transformações pedagógicas e culturais dos jovens enquanto vivem as tecnologias. Aguirre é o segundo ponto que dá base para as reflexões do presente texto. Parto das falas do professor Imanol com jovens urbanos para, em seguida, propor um olhar especial sobre espaços de aprendizagem e de interações de jovens em comunidades rurais.

No ano de 2000, numa pesquisa educativa, o professor Imanol, distingui três âmbitos de aprendizagens nas práticas de produção de cultura visual no meio dos jovens, que se desenvolvem a partir das relações entre iguais, “*peer to peer*” (AGUIRRE, 2014, p.250). Sendo o primeiro âmbito o entorno de amizade: ampliado pelas comunidades de Internet, o segundo é o da família; e o terceiro é o que propicia o espaço escolar. O autor considera as comunidades de internet, fora do espaço institucionalizado, o lugar de ação mais importante na vida produtora dos jovens (AGUIRRE, 2014, p.269).

É importante ressaltar que, no Brasil, o período de 2000 a 2007 confere a um cenário histórico, político, e econômico no qual as redes sociais estavam em processo de constituição, intensificando as interações tecnológicas e possivelmente as novas práticas educacionais.

A partir da minha experiência como educadora há quase dez anos em espaço não formal como a Casa da Juventude Pe. Burnier², gostaria de acrescentar aos três âmbitos acima citados, um quarto que seria ‘a comunidade de vida’. O motivo pelo qual considero a comunidade de vida essencial na formação dos jovens não se justifica só pelo viés das tecnologias. Comunidade de vida, é aqui entendida como lugar onde diferentes pessoas, de vários lugares intercambiam saberes, partilham modos de fazer, agir e sentir. Uma porta aberta essencial na construção da identidade e subjetividade dos sujeitos, na produção da cultura visual e altamente colaborativa nas novas práticas das pedagogias culturais com adolescentes e jovens.

A ideia de “comunidade de vida” surge a partir da minha experiência com diferentes formas e espaços de interações que acontecem na comunidade rural de Ribeirão de Areia. Nessa comunidade o cotidiano dos jovens nem sempre é permeado pelo avanço tecnológico. Belidson Dias diz: “creio que entender o cotidiano somente como

² Casa da Juventude Pe. Burnier, também chamada de CAJU, é um Instituto de Formação, Assessoria e Pesquisa, sobre assuntos de juventude. Nasceu em 1984. Filiada à Sociedade de Educação e Assistência Social, da Companhia de Jesus. Entidade sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, oferece serviços públicos, na perspectiva da garantia de direitos, tendo como foco os adolescentes e jovens e suas famílias.



aquilo que ocorre dia a dia dos sujeitos/comunidades pode restringir excessivamente as possibilidades de práticas da Educação da Cultura Visual (2014, p. 51).

Nesse sentido, entendemos como cotidiano as articulações entre temporalidades e espacialidades, sujeitos/comunidades, acessando outros entornos históricos, sociais e culturais, que podem gerar múltiplos processos de aprendizagens.

Para prosseguir com essa temática nessas “teias de reciprocidade” (INACIO 2014, p.1658) desenvolveremos em três tópicos, alguns conhecimentos e significações produzidos pela comunidade de vida. No primeiro tópico os lugares de aprendizagens, no segundo tópico os lugares de interações, e ao final os lugares de movimentações que provocaram mudanças significativas nos sujeitos/comunidades na construção da subjetividade e identidade, como também na mediação de novas pedagogias culturais.

1.1 Lugares de aprendizagens

Segundo o sociólogo Nildo Viana, a memória social da juventude rural, se inspira nas tradições e se apresenta com um fator de renovação:

A juventude, assim como todos os demais grupos sociais, também se inspira no passado e nas tradições e memória social para resgatar aquilo que lhe interessa na atualidade, tal como hoje se vê no interesse de vários grupos juvenis por Rock and Roll, Raul Seixas, contra-cultura, anarquismo, etc. A memória social da juventude abarca um número de lembranças menor do que a dos adultos, mas, no entanto, resgata e seleciona aquilo que em sua época de criança assume um sentido e significado atual. O que no período da infância não tinha muito significado, mas foi vivenciado, pode ser resgatado e valorado, ou aquilo que foi vivido de uma forma, pode ser resgatado sob outra forma. A memória social da juventude rural está muito mais ligada às tradições populares, sendo, pois, um mundo mais próximo, embora também em renovação e este grupo etário tende a ser um dos mais importantes incentivadores dessa renovação. A memória social da juventude urbana, por sua vez, está mais ligada aos meios oligopolistas de comunicação, ao modismo, à novidade (VIANA, 2006)

O que nos motivou a buscar estes lugares de inspiração e significação, para a interação pedagógica com a juventude urbana, foram os nossos próprios repertórios de vida a que fomos familiarizados. A exemplo, as manifestações populares presentes nas periferias de Goiânia, desde Folia de Reis, Congos, Hip Hop e até de outras manifestações culturais do nosso país. Cientes que quase 40% do público dos projetos de oficina de arte - CAJU era composto por adolescentes e jovens provenientes de outros estados e até mesmo de espaços rurais, percebemos que o cotidiano destes jovens se reconfigura em lugares que estabelecem aproximações – a partir de



atividades provocadoras e pontuais na oficina de arte – começamos a intercambiar seus repertórios com outras comunidades de vida.

Essa posição se ancora em uma referência de Viana (2006), que ele ressalta essa relação da juventude rural com a urbana:

a juventude camponesa ou rural em geral, tende, pelo seu próprio modo de vida, a ter uma relação com a tradição que é diferente da juventude operária e burguesa, ambas urbanas e pouco apegadas as tradições populares e rurais, embora mantenham uma relação um pouco diferente com as tradições das elites, valoradas socialmente (VIANA, 2006, p.5).

Começamos a visitar esses lugares como prática pedagógica. Em julho de 2004, durante o Festival de Culturas Tradicionais do Cerrado, que ocorria na Chapada dos Veadeiros – GO, eu e mais duas pessoas da equipe de artes nos aproximamos do grupo de “dança de roda” da comunidade de Ribeirão de Areia. Durante essa aproximação, tivemos a oportunidade de tecer uma conversa informal com a jovem Gelma Ribeiro. Percebemos nas falas da jovem um potencial muito forte de visão crítica e de renovação do saber. Fomos tomados pelas perguntas: Como a comunidade vivia e celebrava o cotidiano? Que aprendizagens poderiam compartilhar com os educadores/as? Como era a relação dos jovens com os mais velhos nessa comunidade rural?

Com essas e tantas outras perguntas, concluímos que a comunidade de Ribeirão de Areia, seria este lugar do exercício de negociação: do estranhamento, da reciprocidade e de partilhas de vida; uma possibilidade de abrir os horizontes para vivenciar novas experiências, contradições e verdades. Nesse contexto de aprendizagens “a verdade é efeito de um exercício de negociação diante a realidade” (PEREIRA, 2013, p.219).

As negociações partiram primeiramente da equipe de arte com a instituição, referente a financiamento para pesquisa de campo, e outra, as relações interpessoais na própria equipe, que desencadeou pouco envolvimento de educadores/as nas ações propostas e seus estranhamentos na comunidade rural. Este percurso de negociações e de mudanças na nossa prática educativa fomentaria no âmbito da equipe de educadores/as, interlocuções interpares, maior autonomia e a quebra de métodos educacionais cristalizados.

Duas características me parecem pertinentes neste lugar de aprendizagens, referente ao estranhamento dos jovens educadores/as com a comunidade de ribeirão a primeira aponta o fato de que, a energia elétrica, a internet e principalmente o aparelho celular não estavam na vida da comunidade de forma expressiva, ao



contrário de nós – educadores/as, que vínhamos de Goiânia. Porém um lugar alterado significativamente a partir de 2008, com a instauração do programa “Luz para todos”³. A segunda característica, nos remete ao repertório dos educadores/as, jovens urbanos acostumados às facilidades e aos apetrechos tecnológicos – cujo o campo visual inicialmente construído sob convenções sociais e culturais específicas ganhava novos matizes – e que visitava a comunidade com um “olho intrigado”, porém desejoso por transformar suas vivências em um processo educativo diferente do que experienciavam até então.

Assim, fomos construindo uma teia relacional com a comunidade de Ribeirão de Areia. Na procura de lugares de trocas e aprendizagens que pudessem auxiliar na formação de adolescentes e jovens urbanos. Fomos tecendo à nossa individualidade o/a outro/a, o coletivo; apropriando-nos dos fios da experiência, do corpóreo, do sensorial e do colaborativo.



Figura 1 – casa de Dona Pretinha, ensinado a Elmira Inácio a tecer – Ribeirão de Areia.
Fonte: Cia das Artes Canjirão (2007)

1.2 Lugares de interações

Interessamos-nos por conhecer, conviver, experimentar, saborear, os lugares que os jovens, com o “olho curioso”, articulam, observam e aprendem a cantar os reis, o batuque, a loas e a tocarem os instrumentos musicais: a viola, o violão, a caixa de batuque, a sanfona, o triângulo. Os lugares dos afazeres cotidianos da comunidade rural nos quais interagem os adultos e jovens na feitura do polvilho, do beiju, da rapadura, recolher o mel, tecer, bordar, fazer a comida, contar os causos.

³ Programa do Governo Federal que amplia o acesso à energia elétrica as comunidades rurais.



Também nos interessam na comunidade de vida os lugares da oralidade da cultura, os espaços de celebrações, a exemplo, o giro da Folia de Reis - um festejo de origem portuguesa às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira. Jesus foi visitado por três “Reis Magos”, denominados Melchior, Baltasar e Gaspar, referenciados como santos a partir do século VIII, pela Igreja Católica.

Uma tradição, cuja temporalidade e a espacialidade, veicula sentimentos de afeto com o outro/a, com o meio ambiente, criam referenciais de modos de vida, e que segundo os professores Irene Tourinho e Raimundo Martins:

Crianças, adolescentes e jovens são, provavelmente, os mais influenciados pelo contexto, pelas informações, referências e valores da cultura visual que os rodeia. Seus interesses, conhecimento, identidades e, principalmente, seus afetos, são contagiados por essa influencias e incorporados aos seus modos de vida, passando a fazer parte de suas subjetividades e sensibilidades. (TOURINHO e MARTINS, p. 55, 2011)

Percebemos que neste contexto, na Folia de Reis, o sujeito/comunidade, os seus corpos são contagiados pela memória afetiva, que se relaciona intensamente numa forma coletiva ao som da caixa e do pandeiro. Os arremates de batuques cantados pelas mulheres mais velhas e jovens da comunidade, apresentam o cotidiano celebrativo, sendo parte essencial de suas “subjetividades e sensibilidades” (idem, p. 55).

Nessas interações a aprendizagem ocorre entre pessoas de lugares diferentes e realidades culturais distintas, aqui constituídas como “comunidade de vida”. A exemplo a dança de roda: ora no quintal da casa de Preta, durante a Festa de Reis na comunidade, em janeiro de 2007 (figura 3) ora no Encontro do Povos do Grande Sertão Veredas em julho de 2007 (figura 4), e também na Oficina sobre Tradições Populares em 2006- CAJU – Goiânia (figura 5).

Assim, como refere Lêda Guimarães (2008, p.1203), “a compreensão entre ensino e aprendizagem em face dos diferentes espaços, tempo e modos de ensinar (...)”. Espaço da comunidade de vida, onde a visibilidade e a visualidade reconfiguram práticas culturais e pedagógicas, voltando a Lêda diremos:

As operações de desconstruções e reconstruções pedagógicas, às quais me propus e continuo me propondo, não visam destruir ou refutar códigos já instituídos, mas atravessá-los, transversalmente, em sua estruturação. Gosto dos prefixos “des” e “re” como operações necessárias nesses tempos de Transformações. A linearidade e os pontos de vistas exclusivos são construções muito fortes na universidade. É preciso desaprender uma série de conceitos e atitudes para que novas aprendizagens possam ocorrer. (GUIMARÃES, 2008, p.1212).



Portanto, para nós, educadores/as ávidos/as de novas metodologias de aprendizagens com adolescentes e jovens, esses contextos que as/os rodeiam (seus cotidianos, seus modos de vida, os saberes geracionais) compuseram e compõem novas possibilidades de pedagogias culturais.



Figura 2 – Batuque na Folia – Ribeirão de Areia
Fonte: Acervo de Imagens da Cia das Artes Canjirão (2006)



Figura 3 – Encontro dos Povos – Chapada Gaúcha
Fonte: Acervo de Imagens da Cia das Artes Canjirão (2007)



Figura 4 – Seminário sobre Tradições Populares-CAJU
Fonte: Acervo de Imagens da Cia das Artes Canjirão (2006)



Entretanto, como nos afirma Hall (2001, p.74) “é difícil conservar as identidades culturais intactas, (...) agora partilhadas”. É mister observar que “essa interação rural e urbana traz cada vez mais para o âmbito da comunidade conflitos, provoca, questiona e desestabiliza a identidade cultural do grupo” (INACIO,2014, p.848).

1.3 Lugares de movimentações

A chegada da energia elétrica transforma as relações entre os indivíduos da própria comunidade e algumas práticas são abandonadas quase que por completo, a exemplo o telhado de palha de buriti, agora substituídos pela telha de amianto, o tijolo de adobino⁴ – um material regional, preparado no próprio local da construção, de baixo custo e sustentável, mas tendo como desvantagem a exigência física e o tempo da produção – substituído pelo tijolo industrial.

Porém, os apetrechos tecnológicos: a geladeira, o frizer, são formas de facilitar à durabilidade dos alimentos e a TV, a antena parabólica, o celular, o acesso as informações dantes feitas pela emissora de rádio regional/local. A título de exemplo, trago o episódio vivido no ano de 2008: para que pudéssemos visitar a Dona Davi, mestra rezadeira da comunidade do Morro do Fogo (distante alguns quilômetros de Ribeirão de Areia) foi veiculado o aviso através da rádio local que “os filhos de Goiânia” estavam chegando. Dessa forma ela soube através do “radinho de pilha” da nossa chegada. Atualmente o radinho é a energia, e quando necessário conversamos com Dona Davi diretamente pelo celular.

Há algumas gerações, nessas comunidades o acesso à cidade grande era coisa muito rara. Para os/as atuais jovens dessas mesmas comunidades esse deslocamento tem se tornado, não só frequente como cada vez mais obrigatória para a sua sobrevivência (INACIO,2014, p.848), e essencial para continuidade de sua formação escolar/acadêmica. Segundo Hall (2001) esse sujeito está formando novas articulações identitárias, gerando fluxos culturais do local, nacional ao global,

Os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall, 2001, p. 74).

4 Adobinos são tijolos de terra crua, água e palha e algumas vezes outras fibras naturais, moldados em fôrmas por processo artesanal ou semi-industrial.



Nessas movimentações sociais, culturais e econômicas a comunidade de vida se destaca como esse lugar onde diferentes sujeitos/comunidades intercambiam, compartilham seus repertórios múltiplos, cuja tradição não significa estarem estagnados, passíveis, mas sim em constantes transformações, sejam geracionais ou tecnológicas. O escritor Guimarães Rosa em sua obra *Grande Sertão Veredas* observava esses cotidianos e repertórios visuais: “O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou” (ROSA, 2006, p.23).


2 Reflexões finais (que são só o começo)

Esse intercâmbio nesta comunidade de vida nos proporcionou novas práticas educativas no campo das pedagogias culturais, no período de 2004 a 2012. Este texto surgiu dessas observações e vivências como educadora, período este onde as redes sociais estavam no início de suas interações, a exemplo, o facebook⁵, e as transformações tecnológicas a que fazem parte tanto a juventude rural quanto a urbana não eram tão significativas para “*construção de identidade e subjetividade dos sujeitos*” (AGUIRRE, 2014, p.249), na contemporaneidade.

Se considerarmos as redes sociais, como o lugar que sobrepõem as velhas formas de comunidade juvenil, a casa de amigos, o próprio bairro ou comunidade; se assim as entendermos e procedermos, a internet ou as redes online passam a ser equivocadamente consideradas como um lugar privilegiado de intercâmbios, aprendizados contrapondo a “comunidade de vida” enquanto lugar de memória, afetos, afinidades, compartilhamento e produção.

Neste panorama educacional de interações e possibilidades de novas pedagogias culturais, a “comunidade de vida” transcende um lugar supostamente fixo, fechado, pois em nossos estudos notamos que ela (a comunidade de vida) amplia o lugar, possibilitando encontros e desencontros, de sujeitos/comunidades, numa perspectiva de compartilhar outros âmbitos de aprendizagens. Um movimento recíproco, não cronológico, mas processual de histórias de vida que se entrecruzam; cria teias relacionais entre jovens, adultos e velhos; estabelece relações de aprendizagens e mediações permeada pela vivência, pela experimentação no âmbito dinâmico da ‘comunidade de vida’. As representações, os significados criados

⁵ O Facebook (site de serviços de rede social) foi lançado em 4 de fevereiro de 2004.



e produzidos a partir das relações estabelecidas com a comunidade de Ribeirão foram potencializadores/as dos nossos aprendizados em artes e cultura visual que dão sentido à vida dos sujeitos e permitem rever e ampliar possibilidades metodológicas de práticas pedagógicas e culturais.

Referências Bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Entorno de aprendizagem entre jovens produtores de Cultura Visual: traços e características. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2014, p.247-274.

DIAS, Belidson. O Cotidiano Espetacular e a Arte Educação. In: MARTINS, Raimundo e MARTINS, Alice (Orgs.) **Cultura Visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogos**. Pelotas: Editora UFPel, 2014, p.43- 59.

GUIMARÃES, Lêda B. Prática Pedagógica Como Prática Cultural. **17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais**. Anais. Florianópolis: Confaeb, 2008, p. 1203 -1214. Disponível: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/110.pdf>. Acesso 10 de maio de 2015.

INACIO, Elmira. Visibilidades e Visualidades da Mulher na Folia de Reis em Ribeirão de Areia- MG. CHAUD, E.M. e SANT'ANNA, T. (orgs.) **Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2014, p. 843- 854. Disponível em: http://projetos.extras.ufg.br/seminariodeculturavisual/Arquivos/2014/eixo3/visibilidades_e_visualidades_da_mulher.pdf. Acesso em 10 de maio de 2015.


INACIO, Elmira. Teias de reciprocidade: educadores/as da equipe de artes (caju) com a folia de reis da comunidade de Ribeirão de Areia. In: **11º Congresso de Pesquisa Ensino e Extensão "Conhecimento, Inclusão Social e Desenvolvimento"**. Anais. Goiânia: conpeex, 2014, p. 1658-1663. Disponível em: http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site5801/site/artigos/10_seminario-mestrado/10_seminario-mestrado.pdf. Acesso em 10 de maio 2015.

NILDO, Viana. **Cultura, Tradição e Memória**. A Juventude entre a Permanência e a Ruptura, texto produzido para Oficina sobre Tradições Populares- CAJU, Goiânia, 2006, p. 1-8.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e Ingerências da Cultura Visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p.51-68.

ISSN 2316-6479 I DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 213-244, mar. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000100013&lng=pt&nr m=iso. Acesso em 10 maio 2015.

Minicurrículo

Elmira é aluna regular mestrado do PPGAV/FAV/UFG turma 2014. Atuou como educadora social/arteducação, com uma equipe multidisciplinar na Casa da Juventude Pe. Burnier- Goiânia/GO, no Projeto Maldeartes até o ano de 2011. Atuante na articulação e registro da Cia das Artes Canjirão há quase cinco anos, atuando principalmente nos seguintes temas: Figurinista Cênica, Arte-educação, Arte Popular, Assessoria de Oficinas de Artesanato e Figurino para o público de Educadores/as e adolescentes e jovens.